



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

« É intensificando as lutas económicas e políticas pelas reivindicações imediatas das largas massas populares; é organizando tenaz e incansavelmente as forças democráticas; é unindo, unindo e unindo todos quantos estão dispostos a lutar pela liberdade; — que as forças democráticas se prepararão e prepararão as massas populares para varrer finalmente da terra portuguesa a odiada ditadura fascista e instaurar a liberdade.

Avante! Unidos na luta pela liberdade! »

(Do Apelo do VI Congresso do PCP)

GRANDE VITÓRIA POLÍTICA

Realizou-se o VI.º Congresso DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Culminando um intenso trabalho político e vencendo as grandes dificuldades e perigos levantados pela clandestinidade, o Partido Comunista Português realizou o seu VI.º Congresso.

Da composição do Congresso ressalta em primeiro lugar o desvelamento sem limites dos comunistas à causa do nosso povo: 58,6% dos Congressistas passaram pelas prisões fascistas, tendo cumprido um total de 105 anos de prisão; entre eles, contavam-se alguns que se evadiram das prisões fascistas para regressarem de novo ao seu posto de combate. O Congresso teve a seguinte composição social: 44% de operários, 24% de empregados, 13% de intelectuais e 17% de estudantes. 24% dos congressistas eram mulheres. No que se refere às idades, 41% tinham menos de 30 anos, 44% dos 30 aos 50 anos e 13% mais de 50 anos.

A alocução de abertura do camarada Manuel Rodrigues da Silva

Os trabalhos do VI.º Congresso do Partido Comunista Português começaram com a intervenção de abertura feita pelo camarada Manuel Rodrigues da Silva. Dirigindo-se a todos os delegados, disse o nosso camarada:

« O Comité Central saúda em vós todos os militantes que nas difíceis condições do fascismo, no desempenho das tarefas mais modestas ou nas de maior responsa-

bilidade lutam tenazmente pela realização dos objectivos do Partido e a cujo trabalho abnegado se devem, no fundamental, os grandes êxitos que temos obtido ».

Saudamos calorosamente todos os lutadores anti-fascistas presos, particularmente todos os nossos camaradas que frente aos assassinos da polícia fascista, nos tribunais e nas masmorras salazaristas estiveram e estão dispostos a fa-

zer todos os sacrifícios pela libertação da nossa Pátria. Na memória de todos nós permanecem vivos os exemplos de camaradas, como José Gregório, José Dias Coelho, Maria Helena Magro, Maria Albertina, Adângio, Capilé, Fineza e outros heróicos combatentes que, desde a realização do V.º Congresso, deram as suas vidas à causa da classe operária e do povo português. »

Seguidamente, o camarada Manuel Rodrigues da Silva referiu os enormes esforços, grandes sacri-

(continua na 4.ª pág.)

AO TRABALHO! PARA O CUMPRIMENTO DAS DECISÕES DO VI.º CONGRESSO

A realização do VI.º Congresso do Partido Comunista Português constitui, só por si, uma grande vitória do Partido. Só um Partido com larga experiência, com quadros capacitados, com uma sólida organização, poderia realizar o seu Congresso nas condições de rigorosa clandestinidade e de terror fascista existente em Portugal. O VI.º Congresso foi uma nova demonstração da força e vitalidade do Partido, do seu incontestado papel dirigente da classe operária e das massas populares, da sua posição de vanguarda em todo o movimento anti-fascista.

Pe'a aprovação do novo Programa do Partido, que, numa base científica, define a linha estratégica do Partido numa etapa em que o grande objectivo político é o derrubamento da ditadura fascista e a realização da Revolução Democrática e Nacional, — o VI.º Congresso ficará sendo um importantíssimo marco na história do Partido Comunista Português.

Pela aprovação dos novos Estatutos, o Partido confirma a sua estrutura de partido leninista e a lei básica da sua vida interna.

Pela aprovação dos relatórios do Comité Central e pela aprovação de importantes resoluções definindo as tarefas do Partido para impulsionar a luta popular, para alargar e reforçar a unidade da classe operária e de todos os democratas e patriotas, para reforçar todos os aspectos da acti-

vidade partidária, — o VI.º Congresso equipa o Partido com uma orientação que permitirá caminhar decididamente para diante.

O VI.º Congresso é uma reafirmação da fidelidade do Partido Comunista Português ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário, à unidade do movimento comunista internacional. É uma reafirmação da devoção ilimitada dos comunistas portugueses à causa da classe operária e do povo, à defesa dos interesses nacionais, à amizade e so-

lidariedade para com os povos das colónias portuguesas.

As decisões do VI.º Congresso e a sua aplicação prática são de enorme significado para a luta da classe operária e para todo o movimento anti-fascista. Por isso, o VI.º Congresso é um grande acontecimento político na vida nacional.

Reforçada a unidade de pensamento e acção de todo o Partido, ao trabalho, camaradas! — para o cumprimento das tarefas definidas pelo VI.º Congresso!

O PROGRAMA DO PARTIDO PARA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL

Apresentando, em nome do Comité Central, o resultado da discussão, no Partido, do projecto do novo programa e as propostas de emendas dela resultantes, o camarada Sérgio Vilarigues salientou a grande importância da aprovação deste documento pelo Congresso, dado o seu papel de guia para a acção revolucionária de todos os militantes na actual etapa da revolução.

Tendo sublinhado que o grave desvio de direita manifestado no Partido, nos anos de 1956/59, influiu negativamente na elaboração do programa anterior, o camarada Vilarigues lembrou a decisão do C.C., de Março de 1961, de rectificar a linha do Partido e

pôr de lado o programa que a reflectia. Rectificado o desvio de direita, decidiu elaborar um novo Projecto de Programa, pô-lo à discussão do Partido e submetê-lo à aprovação do Congresso. Esta decisão acaba de ser aprovada pelo VI.º Congresso.

Referindo-se à elaboração do projecto, o nosso camarada considerou-a como o produto de um trabalho político, atento e colectivo, do C.C. e da colaboração de numerosos quadros responsáveis do Partido. Salientou ainda que embora a discussão não tenha sido tão ampla como seria desejável, dadas as dificuldades impostas pela clandestinidade, permitiu no entanto reflectir as opiniões dos

militantes, elevou o nível político e ideológico do Partido, enriquecendo e melhorando o projecto do novo programa.

Antes de se passar à discussão final para aprovação do novo programa, e depois de afirmar que foram tomadas em conta sugestões e propostas de vários camaradas, S. Vilarigues sublinhou a necessidade de ligar a luta pela realização do programa às lutas diárias da classe operária e do povo português pelas suas reivindicações económicas e políticas, concluindo que só um Partido forte, unido e activo permitirá que os objectivos do programa sejam realizados.

Ordem de trabalhos

Alocução de abertura

(camarada Manuel Rodrigues da Silva)

1. Relatório da actividade do Comité Central

(Relator: camarada Álvaro Cunhal)

2. Tarefas de Organização

(Relator: camarada Joaquim Gomes)

3. O novo Programa do Partido

(Relator: camarada Sérgio Vilarigues)

4. Os novos Estatutos do Partido

(Relator: camarada Francisco Miguel)

5. Eleição do Comité Central



O RELATÓRIO DO CC APRESENTADO POR Joaquim Gomes POR UM PARTIDO FORTE, UNIDO, Ligado às massas

O Relatório de Organização, apresentado em nome do C.C. pelo camarada Joaquim Gomes dos Santos, é um esplêndido balanço dos vários aspectos ligados à actividade prática das organizações do Partido.

Partindo da apreciação do trabalho realizado, dos problemas existentes e das exigências da situação política, o relatório aponta as directrizes fundamentais que devem nortear o trabalho de organização: reforçar em primeiro lugar a defesa do Partido contra os golpes da repressão; assegurar a coesão das suas filiais e do trabalho de todas as organizações; solidarizar e estruturar as organizações intermédias; ligar estreitamente o trabalho de organização às lutas de massas e assegurar nesse base a acção do Partido.

Realizando o seu relatório, o camarada Joaquim Gomes prestou homenagem aos dirigentes do Partido que, caídos na luta, nas prisões ou à frente do Partido são um exemplo de dedicação, firmeza e coragem dos comunistas.

A coesão da Direcção pedra angular do Partido

O relatório aborda em seguida as questões de direcção, salientando que a unidade e coesão da Direcção central tem sido uma pedra angular do trabalho do Partido e dos seus êxitos. Isso não significa que nos 8 anos decorridos desde o V Congresso não haja erros e deficiências no trabalho de Direcção. Entre eles sobressaiam o desvio de direita e a tendência anarco-liberal, corrigidos em 1960. O C. C. tomou a responsabilidade da correcção desse desvio e elaborou a linha política que foi amplamente discutida e apoiada por todo o Partido, cabendo ao VI Congresso ratificar as decisões tomadas para levar à prática essa correcção.

O trabalho da Direcção atravessou também sérias dificuldades motivadas pelos golpes policiais de fins de 1961 e as medidas tomadas para defender a continuidade do trabalho da Direcção central. A justa compreensão quanto à importância do trabalho colectivo, aliada às medidas tomadas, venceram em boa parte essas dificuldades. A partir de Dezembro de 1962 começou a regularizar-se o trabalho colectivo do Comité Central. Desde essa data a Janeiro de 1965 realizaram-se 5 reuniões do C. C., tendo o seu trabalho sido caracterizado não apenas pela regularidade das reuniões e pela prática do princípio do trabalho colectivo, mas também pela importância dos documentos aprovados.

Examinando em seguida os problemas orgânicos do Partido, o relatório destaca que a defesa do aparelho clandestino do Partido é uma questão vital para a continuidade da luta nas condições da repressão fascista. Depois de analisar as difíceis condições existentes nesse campo, o relatório aponta as direcções fundamentais em que deve iniciar o esforço: luta intransigente contra as falsas compartimentação e as ilhas individualistas e anarquistas; cuidadoso controle das movimentações dos quadros; defesa rigorosa das instalações; renovação dos processos de defesa e das formas de contactos das organizações.

Melhorar a política de quadros

As responsabilidades cada vez maiores criadas ao Partido pela situação política exigem um rigoroso cuidado na selecção dos seus funcionários, exigindo-se-lhes dedicação sem limites ao Partido e à classe operária, com o sacrifício da própria vida se necessário for. «Um funcionário do Partido, que é preso e, porque se acobarda, presta declarações à policia, denunciando camaradas ou aspectos da actividade do Partido, deve saber que a sua traição não ficará impune» — sublinha o relatório.

As graves faltas registadas no problema vital do conhecimento e promoção dos quadros exigem que se reforce o espírito de vigilância, que se redobre de cuidados no recrutamento de novos quadros, sem que com isso permita-se que se generalize no Partido qualquer espírito de suspeição.

Estruturamos melhor o Partido

Destacando a importância dos organismos intermédios para se conseguir uma estruturação mais flexível da organização, o relatório aponta duas direcções fundamentais para o seu desenvolvimento. Uma é a ajuda à preparação dos camaradas que se vão destacando nas suas tarefas, de modo a formar um núcleo de quadros com capacidade para as funções desses organismos. Outro é o desenvolvimento do sentido de responsabilidade dos organismos intermédios, de modo a que passem a tomar decisões e ter iniciativas nas questões políticas e organizativas do seu sector de trabalho. Os organismos sub-regionais, locais e outros têm de ser organismos vivos, virados para a acção constante em defesa das massas populares, para a conquista de posições nas organizações de massas.

Reforcemos a ligação do Partido com as massas

O relatório de organização do C.C. passa em seguida a examinar a importante questão de ligação entre o trabalho de organização e as lutas populares de massas. Para levar à prática a sua linha política, o Partido precisa de garantir a sua presença em todo o lado onde estão as massas, não apenas através do palavras mas através da luta de acção, do exemplo dos seus militantes.

O relatório destaca que é a célula de empresa que cabe o papel de principal elo de ligação do Partido à classe operária. Só com células formadas, estruturadas e activas nas principais concentrações operárias, o Partido poderá mobilizar e dirigir a classe operária. Chamando a atenção do Partido para o desenvolvimento de esforços no sentido da valorização das organizações de base, o relatório desenvolve largamente as tarefas e problemas que podem ser o tema da actividade das cé-

lulas de empresa. De momento, a tarefa mais imediata é mobilizar os trabalhadores na luta por um aumento de salários. A classe operária entrou decididamente nessa luta, pouco se lhe dando que Salazar esteja ou não de acordo com novos aumentos. Para aproveitar as condições existentes é preciso, além de boa vontade e esforço, saber como actuar no seu grau de desenvolvimento, e a fase de luta em que vivem.

O relatório desenvolve detalhadamente numerosos problemas referentes ao trabalho de organização do Partido entre a classe operária, os camponeses, os pescadores, os intelectuais, a juventude, as forças armadas e as mulheres.

Apontando algumas das falhas graves que se registam nas organizações do Partido, destaca que a tarefa de as suprir é ir ligando o trabalho de organização à actividade prática do Partido, estudar os princípios de acção de cada sector, desenvolver os que estão em progresso, saber recuar quando necessário para depois avançar com maior segurança. E, em todo o trabalho, desenvolver o trabalho de recrutamento a partir das lutas de classe operária e das massas populares, para trazer ao Partido as melhores filhas e filhos do nosso povo.

Desenvolver a organização das massas trabalhadoras

A par dos problemas de organização partidária, o relatório do C.C. examina também os problemas de organização das massas trabalhadoras. As Comissões de Unidade, as Comissões Sindicais, os Comités de greve, as Assembleias de Trabalhadores, as reuniões de massas, as Assembleias Sindicais são formas que têm sido utilizadas pelas massas para organizar a sua luta. O relatório estuda as possibilidades de desenvolvimento das Comissões de Unidade e outras formas de organização das massas trabalhadoras, chamando a atenção para as suas características, a sua evolução e as formas

novas que podem assumir. «O mais importante não está no nome desses organismos. O que mais importa é que eles sejam representativos e estejam vinculados aos seus massas. Também a formação e actuação destes organismos se tem caracterizado por formas e aspectos muito diferentes, porém o que mais interessa é que eles gozem da confiança das massas e saibam ser intérpretes das suas aspirações».

A fonte das forças do Partido

Uma organização numerosa de nada valeria se não estivesse solidamente ligada pela unidade de pensamento e de acção. Como é óbvio, o Partido não só não deseja já como se opõe à falta de imaginação e iniciativa política dos militantes. Mas isso não anula, antes pressupõe, o reforço do trabalho colectivo, o respeito pelas decisões da maioria e dos organismos superiores.

O relatório do C.C. sublinha que a unidade de pensamento e de acção é inseparável dos princípios do centralismo democrático, definidos nos Estatutos apresentados à aprovação do Congresso. Saibamos pois aplicar e respeitar os princípios do centralismo democrático, reforçemos ainda mais a disciplina partidária, a unidade de pensamento e acção de todo o Partido, aplicando sem vacilações a linha de massas aprovada pelo Partido. Fazendo-o, percorreremos o caminho que, a mais breve prazo conduzirá o nosso povo à Revolução Democrática e Nacional.

Duras batalhas nos esperam camaradas. Mas a vitória será nossa!

OS ESTATUTOS, LEI BÁSICA DA VIDA INTERNA DO PARTIDO

O camarada Francisco Miguel apresentou ao VI Congresso o balanço do debate no Partido do Projecto de novos Estatutos do Partido e as propostas de emendas feitas pelo Comité Central, em resultado desse debate.

Os Estatutos, uma vez aprovados pelo Congresso, tornam-se a lei básica do Partido.

O camarada Francisco Miguel assinalou que o V Congresso do Partido teve o mérito de aprovar os primeiros Estatutos do Partido, que consagraram os princípios leninistas aplicados desde a fundação do Partido, em 1921. Esses Estatutos reflectiam, porém, num ou noutro ponto, o desvio de direita e a tendência anarco-liberal que se verificaram no Partido durante esse período. Por isso, o Comité Central decidiu que esses deficiências fossem corrigidas, introduzindo nos Estatutos do Partido, alterações que se ajustam às exigências da luta e à justa orientação do Partido.

importante significado dos Estatutos na vida do Partido, o camarada Francisco Miguel afirmou: «Como Partido do proletariado, como Partido marxista-leninista, temos a nossa lei. Respeitemo-la e não pousemos esforços para que todos os comunistas a respeitem. E aplicando na prática os princípios do centralismo democrático, que o nosso Partido estará à altura da sua missão e das importantes tarefas que tem na sua frente.»

O camarada Francisco Miguel observou ainda que nos últimos anos, por influência da actividade cisionista dos camaradas chineses e das justificações «teóricas» que eles procuram para essa actividade, há quem conteste esses princípios. Apareceram camaradas pretendendo que se pode ser membro do Partido lutando contra o seu Programa e contra a sua linha política, infringindo os Estatutos, violando a disciplina, atacando a unidade do Partido. No nosso Partido não são, nem serão

VIVA O VI. CONGRESSO DO PCP



O RELATÓRIO DO CC APRESENTADO POR Álvaro Cunhal O GRANDE OBJECTIVO NA PRESENTE SITUAÇÃO DERRUBAR A DITADURA FASCISTA

Ao iniciar o Relatório de actividade do Comité Central, o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, acentua que tendo atravessado rudes provas nos 8 anos decorridos desde o Congresso, o nosso Partido se ultrapassou vigorosamente, e continua a arguir bem a bandeira da luta pela liberdade, pela independência nacional e pela paz, mantendo e reforçando a sua posição do mais forte Partido da Oposição, sem o qual não é possível a conquista da Democracia.

A evolução da situação internacional no seu conjunto foi neste período dominada por históricas vitórias das forças revolucionárias. O XXI.º Congresso do PCUS aprovou o Programa da construção das bases técnico-materiais do comunismo; os países socialistas deram grandes passos para a sociedade socialista; realizou-se a exploração do homem pelo homem, e Cuba começou a construir o socialismo no hemisfério ocidental. Desmoronou-se o sistema mundial do colonialismo. Os povos das colónias portuguesas iniciaram a luta armada pela sua libertação. O movimento de classe operária nos países capitalistas registou também importantes sucessos. Enfrentou o imperialismo e ainda forte e não está disposto a capitular. As criminosas agressões a Cuba, ao Viet-Nam, ao Congo e a S. Domingos mostram que para lhe fazer o mesmo não é necessária a firme determinação dos povos e a acção unida das forças revolucionárias de todo o mundo, na luta pela paz e em defesa dos povos que lutam pela sua libertação.

A situação internacional influencia a situação nacional em dois sentidos contrários. Por um lado, o governo fascista beneficia de momento da contra-ofensiva do imperialismo norte-americano e do maior auxílio que as grandes potências imperialistas lhe prestam para manterem o seu domínio em Portugal e nas colónias. Por outro lado, enquanto o governo fascista se isole internacionalmente, o povo português tem hoje a apoio, além dum activo solidariedade da URSS, de todo o campo socialista e do movimento operário internacional, o movimento nacional libertador e as forças democráticas de todo o mundo.

A situação internacional é pois favorável à luta do povo português — acentua o relatório do CC.

Aprofunda-se a crise do regime fascista

Na vã tentativa de sair da crise em que se debate e de conter o movimento popular, o governo

fascista lança contra a nação uma nova ofensiva, acentuando as direcções centrais da sua política. Sucedem-se as medidas para intensificar o terror, a demagogia e a opressão, agrava-se a exploração da classe operária, arruinam-se o campesinato e os pequenos e médios produtores, acelera-se a um ritmo nunca visto a entrega de Portugal ao imperialismo estrangeiro.

As guerras coloniais custam um preço cada vez mais elevado em dinheiro e em vidas. Para pagar os gastos, Salazar faz intensificar a exploração, esmaga com impostos os trabalhadores e as classes médias, e recorre cada vez mais aos empréstimos e investimentos estrangeiros. O «Plano Intercalar de Fomento» é uma verdadeira «Carta» de desenvolvimento monopolista e de entrega de Portugal ao imperialismo estrangeiro.

A política agrária fascista fomenta a concentração de grandes explorações capitalistas, a exploração dos trabalhadores rurais, a ruína dos pequenos camponeses. A miséria é geral, os preços sobem incessantemente, baixa o nível de vida das mais vastas massas populares, restringe-se o mercado interno. Por isso, os fascistas orientam a industrialização e o fomento agrícola para a exportação, colocando a economia portuguesa numa perigosa dependência dos mercados imperialistas, situação ainda mais agravada com a participação nas zonas de comércio livre.

O relatório do C.C. acentua que este ofensiva do regime, longe de o salvar, irá acentuar mais ainda os seus contraditórios, aprofundar a sua crise e acender novas razas de revolta popular.

Depois de caracterizar, nesta primeira parte do seu relatório, os aspectos fundamentais da situação nacional, com base numa ampla documentação, o camarada Álvaro Cunhal sublinha que é da análise dessa situação que parte a definição da linha política do Partido, condensada no Programa apresentado todo o C.C. ao VI Congresso. «O Programa do Partido indica a solução dos grandes problemas nacionais» — afirma o relatório do C.C.

Mobilizar as massas trabalhadoras na luta diária contra a política fascista

Apresentada a perspectiva geral revolucionária da luta, o relatório passa a definir as tarefas e problemas que se colocam à acção imediata do Partido, afirmando: «Com vistas à criação das condições para a insurreição, as tarefas fundamentais são o desenvolvimento da luta popular de massas, o trabalho de organização e unidade das massas populares, a unidade das forças antifascistas».

Chamando insistentemente a atenção do Partido para as expe-

riências das lutas reivindicativas mais recentes, o relatório aponta a mobilização das massas trabalhadoras na luta diária como a mais urgente e mais importante tarefa que se coloca ao Partido. As condições são favoráveis não só para prosseguir, como para alargar, intensificar, elevar a um nível superior a luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações económicas imediatas.

O relatório assinala que nos anos decorridos desde o V.º Congresso, a acção popular anti-fascista se caracterizou pela rápida politização das massas, pela fusão da luta económica e da luta política, e pela grande combatividade das massas. Em dois momentos o fascismo foi colocado na defensiva e foram alcançados importantes êxitos que mostram como a luta popular de massas abre a perspectiva revolucionária. Nessas lutas a classe operária ganhou um peso determinante. É significativo que o 5 de Outubro, durante muitas anos a mais importante jornada anti-fascista, tenha sido largamente ultrapassado pelo 1.º de Maio.

Estudando vários aspectos das formas de organização e formas de luta da classe operária, o relatório destaca que é na luta e na acção que se realiza nas condições actuais a unidade da classe operária portuguesa. O Partido Comunista é o único representante reconhecido da classe operária. E é graças à acção e influência do Partido que se desenvolve praticamente a totalidade das lutas dos trabalhadores. Também na unidade do proletariado industrial (que é um aspecto particular da unidade da classe operária) o Partido tem obtido brilhantes êxitos.

«Só os grandes sucessos do Partido na luta e unidade de classe operária lhe têm permitido tomar iniciativas bem sucedidas para a unidade das forças anti-fascistas».

Referindo-se em seguida à aliança com o campesinato, o relatório do C.C. destaca que na fase actual, as camadas do campesinato aliadas do proletariado sul, além dos semi-proletários, os pequenos e médios agricultores. Sublinhando que «a luta do proletariado rural do Sul é um dos mais importantes aspectos da luta nacional contra a ditadura», o relatório assinala que as organizações do Partido e militantes das regiões ao norte do Tejo devem fazer um sério esforço para integrar o campesinato nas grandes batalhas políticas e sociais que hoje se travam em Portugal.

O relatório do C.C. dedica também um capítulo à apreciação das lutas dos estudantes, dos intelectuais, dos soldados e oficiais, considerando que o movimento anti-fascista prodiga no conjunto e entrou numa fase de luta política aberta.

Pelo alargamento e reforço da unidade

O relatório do C.C., passando à apreciação dos problemas políticos do movimento unitário, destaca que o Partido, ao mesmo tempo que procurar ganhar para o seu Programa as mais amplas massas populares, tem em conta que depois de 59 anos de terror fascista, de todos os objectivos o que é mais sentido e urgente é o de instaurar as liberdades democráticas. «A grande tarefa imediata é a acção unida de todas as forças anti-fascistas contra o inimigo comum para varrer o fascismo da terra portuguesa e conquistar a liberdade política».

A maior dificuldade que se apresenta ao desenvolvimento da luta popular e nacional contra a ditadura fascista é o facto do movimento democrático estar rudimentarmente organizado. A FPIB é o único organismo unitário com carácter político regular. A sua criação foi um êxito histórico e pensamos que lhe cabe ainda um papel importante no desenvolvimento do movimento anti-fascista. Mas sendo a FPIB uma frente das esquerdas, não pode considerar-se como uma forma adequada de organização.

Impõe-se o alargamento e reforço da unidade na base de acções concretas imediatas e dum programa político plenamente de todos os sectores da Oposição. O relatório do C.C. destaca, nesse sentido, a necessidade de intensificar os esforços para a unidade com os sectores progressistas e os republicanos liberais. Tem de se ter em conta que a base liberal, como força individualizada, é o mais influente dos sectores burgueses da Oposição. O Partido não tem pouca esperança de obter a unidade, desde que a sua resistência às opções unitárias, as suas tendências ao compromisso com os monopólios e o imperialismo. Ao mesmo tempo reconhece nela uma força anti-fascista e defende por isso intransigentemente a unidade com ela e os sectores que representam.

O relatório do C.C. aponta desenvolvimento das dificuldades que se levantam no caminho da unidade. E não entanto, não se desanima, estabelecendo acordos para acções imediatas, haja ou não acordo em relação aos objectivos finais.

Em relação às eleições para a Assembleia Nacional, o relatório sublinha que só a unidade de todas as forças democráticas em torno do Partido é o meio de desenvolvimento, defende a apresentação de candidatos que tenham o apoio de todos os sectores da Oposição e afirma a disposição do Partido de discutir com todos os sectores, de modo a favorecer a unidade e a organização das forças democráticas.

Concluindo o exame das tarefas imediatas que o Partido tem de cumprir enquadradas na perspectiva revolucionária do levantamento nacional.

Forjemos o Partido da vitória sobre o fascismo

Um Partido Comunista forte, ligado às massas, virado para a acção, é condição necessária para o desenvolvimento da luta popular. Entrando no análise da situação do Partido, o camarada Álvaro Cunhal afirma: «O relatório tem sido o grande Partido da resistência anti-fascista: tem de tornar-se o Partido da vitória sobre o fascismo».

O relatório do C.C. destaca que todo o Partido deve ter consciência de responsabilidade e de unidade militante e de organização para fazer frente às difíceis condições em que se desenvolve neste momento a actividade do Partido. Os aspectos sistematizados da repressão mostram graves deficiências no trabalho construtivo do Partido. Tem havido em muitos casos uma grande falta de unidade pelo divórcio imediato, sem cuidar de soldar o trabalho partidário no seu conjunto. No trabalho de organização há deficiências e realização das tarefas políticas e a mobilização das massas. No trabalho de ligação há deficiências e falta de contacto com as reais possibilidades das organizações, abdicando (lanço e novas vezes do inimigo, (continua na p.º 4).



O VI CONGRESSO DO P.C.P.

(continuação da 1.ª pág.)

fícios e rigorosas medidas de defesa exigidas para que se pudesse reunir o órgão supremo do Partido, nas condições de estreita clandestinidade em que somos forçados a viver e lutar. Mas mesmo nas difíceis condições o Comité Central esforça-se por assegurar, na prática, os princípios do centralismo democrático, como o prova a realização deste Congresso.

Feito um rápido balanço aos enormes sucessos e lutas vitoriosas travadas nos 8 anos que nos separam do anterior Congresso e ao papel de vanguarda que o Partido tomou neles, o orador lembrou aos delegados:

«O VI.º Congresso realiza-se num momento em que pesadas tarefas e grandes responsabilidades recaem sobre a classe operária e o seu Partido. Para que os nossos trabalhos sejam frutuozos é indispensável que cada militante dê a sua opinião, faça as suas críticas e contribua com a sua experiência.»

Para o bom êxito dos trabalhos do nosso Congresso é necessário que se debatam francamente todos os problemas. Apontemos corajosamente as dificuldades, insuficiências e erros do nosso trabalho, para os podermos superar».

E a terminar: «Saibamos fazer deste Congresso um grande passo para o reforço de todo o trabalho partidário, para o reforço da unidade de pensamento e de acção de todo o Partido. Saibamos reforçar os princípios ideológicos e orgânicos do Partido, para forjarmos a arma que levará o povo português à vitória sobre o fascismo, à conquista da Democracia, da Independência Nacional, da Paz e do Socialismo.»

Depois da intervenção de abertura, o Congresso elegeu a mesa da presidência e em seguida aprovou a Ordem de Trabalhos.

Um debate vivo partindo da análise das situações concretas

Entrando na Ordem de Trabalhos, o camarada ÁLVARO CUNHAL, secretário geral do Partido, apresentou, em nome do Comité Central, o Relatório de Actividade do Comité Central. Seguiram-se as intervenções dos delegados. Opiniões críticas, sugestões e variadas considerações dos delegados enriqueceram o debate à volta deste Relatório, que foi aprovado por unanimidade.

Entre as várias intervenções, o camarada SÉRGIO VILARIGUES apresentou uma «Sobre as lutas reivindicativas do proletariado da cidade, do campo e do mar». Outros delegados fizeram intervenções sobre problemas da Juventude, dos estudantes, das mulheres e do trabalho entre as Forças Armadas.

Das intervenções dos delegados resultou a aprovação de todo o Partido à iniciativa tomada em 1961 pelo Comité Central de corrigir e rectificar o desvio de direita manifestado na linha definida pelo V.º Congresso e a unânime adesão à actividade do Comité Central, ao levar à prática a orientação traçada.

Foi posta em relevo pelos delegados a importante contribuição que este Relatório vem trazer à caracterização da etapa actual da Revolução partindo da análise da situação económica e política nacional, na continuidade duma série de documentos do Comité Central, entre os quais se destaca o «Rumo à Vitória».

A preocupação do aforamento da linha política e táctica do Partido com as realidades concretas da situação económica e política do País, foi uma das características mais importantes do Congresso. Foi dentro desse estilo de trabalho que todos os delegados deram a sua contribuição, colhida na experiência da sua actividade e no conhecimento da situação real do nosso povo e do nosso país.

Também foi muito rica a discussão à volta do problema da aliança da classe operária com o campesinato e da política de alianças, que marcou a aprovação da orientação traçada no Relatório do Comité Central.

Subordinar toda a nossa actividade à defesa dos interesses da classe operária

Tanto na discussão do Relatório de Actividade do Comité Central, como na que girou à volta do Relatório de Organização, apresentado a seguir pelo camarada Joaquim Gomes dos Santos em nome do Comité Central, deu-se um especial relevo às lutas populares de massas e ao papel do

Partido na sua organização.

Virar as atenções do Partido para o reforço das ligações com a classe operária e as massas populares, foi um dos traços dominantes do Congresso. Daí a vivacidade e o interesse que teve a discussão à volta dos problemas de organização.

A discussão do Programa e dos Estatutos foram momentos importantes e de profundo significado do VI.º Congresso.

A maior parte dos delegados sublinhou que este foi o Congresso do Programa, que aponta ao nosso povo a perspectiva da Revolução Democrática e Nacional.

Ambos os documentos foram aprovados por unanimidade, com todos os congressistas de pé.

Foi aprovada por unanimidade uma Resolução sobre o Movimento Comunista Internacional e da sua discussão ressaltou a aprovação de todo o Partido à orientação e iniciativas tomadas pelo Comité Central nos seus esforços consequentes pela unidade do Movimento Comunista Internacional.

O Congresso aprovou também calorosamente uma saudação ao povo do Vietnã e uma saudação aos povos das colónias portuguesas.

Foi dirigida pelo Congresso uma saudação aos presos políticos e uma mensagem aos comunistas presos, expressando o sentimento de todo o Partido para com esses homens e mulheres que continuam lutando no mais duro posto de combate.

O Apelo do VI.º Congresso do PCP

Encerrando os debates, o VI.º Congresso do Partido Comunista Português aprovou um apelo dirigido à classe operária, ao povo português e a todos os anti-fascistas. O apelo chama os operários, os assalariados rurais, os pescadores, os camponeses, a juventude, os soldados, os intelectuais, as mulheres, à luta pela defesa dos seus interesses imediatos. Fazem

DERRUBAR A DITADURA FASCISTA

(continuação da 3.ª pág.)

Analisando criticamente os vários aspectos da actividade prática do Partido, o relatório do C.C. afirma: Exige-se que se considere de maneira diversa da que tem sido feito nos últimos tempos a distribuição das nossas forças, as direcções dos nossos esforços, a coordenação dos vários sectores da actividade partidária. É necessário que saibamos trabalhar virados para o futuro, sem sacrificar ao sucesso imediato as perspectivas de alargamento da actividade partidária. É necessário reforçar mais e mais a defesa do Partido como tarefa número um de cada militante, melhorar e renovar os métodos do trabalho conspirativo, conhecer melhor os quadros, intensificar a guerra à traição, desenvolver a vigilância revolucionária. Mas é igualmente indispensável reforçar a organização, descentralizar o trabalho executivo e, principalmente, alargar e fortalecer muito mais ainda a ligação do Partido com a classe operária e as massas.

Pela unidade de pensamento e acção de todo o Partido

A par das medidas para corrigir e desenvolver no plano prático a actividade partidária, o relatório põe em destaque a necessidade

de continuar os esforços pelo reforço da unidade política e ideológica do Partido. A própria evolução dos factos provou a justeza do Partido ao travar a batalha ideológica contra o desvio de direita nos anos de 1960/61, e contra as ideias esquerdistas surgidas em 1963/64. A unidade do Partido deve significar a unidade de pensamento e de acção de todas as organizações e militantes. Debilidades registadas a esse respeito têm vindo a ser corrigidas, mas é necessário reforçar mais ainda a coesão do Partido, a conjugação de todos os esforços para a aplicação da sua linha política, na base do melhoramento do trabalho colectivo do C.C., dum melhor controle de execução, do reforço da crítica e auto-crítica.

O relatório do C.C. sublinha que a realização do VI Congresso, a aprovação do Programa e dos Estatutos serão uma valiosíssima contribuição para o reforço da unidade de pensamento, von-

tade e acção de todo o Partido.

O último capítulo do relatório do C.C., resume a actuação do nosso Partido nos problemas do movimento comunista internacional, reafirmando os aspectos essenciais da sua posição em defesa da unidade de todos os partidos irmãos. «Se os comunistas de todo o mundo se souberem unir, a vitória será extremamente mais simples e exigirá incomparavelmente menos sacrifícios».

Terminando, o relatório do C.C. afirma: Não é fácil a nossa tarefa. Mas o Partido estará à altura dela. Trabalhar incansavelmente para o reforço do Partido. Unir na acção todos os democratas e patriotas, orientar as massas populares na luta diária contra a política fascista — tais as nossas tarefas imediatas.

Derrubar a ditadura fascista, conquistar a liberdade — tal é o nosso grande objectivo na actual situação».

do a síntese dos resultados colhidos nos debates do Congresso, o apelo apresenta as reivindicações fundamentais, as formas de organização e as formas de luta dos principais sectores do movimento popular.

Dirigindo-se a todo o povo português e a todos os anti-fascistas, o VI.º Congresso lança-lhes um vibrante apelo:

Afirmação da coesão e unidade do Partido

Chegado ao último ponto da Ordem de Trabalhos, o Congresso elegeu o Comité Central do Partido, expressando a inabalável confiança de todo o Partido na sua direcção e a firme decisão de reforçar cada vez mais a unidade de pensamento e acção de todo o Partido à volta da sua Direcção Central.

Seguidamente foi proposto um minuto de silêncio à memória dos camaradas caídos na luta, homenagem que os congressistas prestaram de pé, com profunda commoção.

O camarada Álvaro Cunhal disse então algumas palavras de encerramento, palavras viradas para a acção, para a luta imediata, com a certeza do nosso triunfo final.

Reunião do Comité Central

Na primeira reunião realizada após o VI.º Congresso, o Comité Central elegeu os seus organismos executivos. O Secretariado do Comité Central ficou constituído pelos camaradas Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva e Sérgio Vilarigues. O camarada Álvaro Cunhal foi reeleito para o cargo de secretário geral do Partido.

Dos documentos aprovados NO VI.º CONGRESSO

«Os comunistas portugueses não se poupam a quaisquer sacrifícios, incluindo o da própria vida, para que os povos das colónias portuguesas se libertem do jugo colonial».

(da Saudação aos povos das colónias portuguesas)

«Os trabalhadores e o povo português são irmãos de combate dos trabalhadores e do povo vietnamita na luta contra o imperialismo e o colonialismo, pela paz, pela democracia, pela independência nacional e pelo socialismo».

(da Resolução sobre a situação do Viet-Nam)

«À frente da classe operária e das massas populares, lado a lado com as demais forças democráticas e patrióticas, prosseguiremos sem descanso a nossa batalha para vos arrancar aos perigos que vos ameaçam, às brutalidades dos carcereiros fascistas, à prisão perpétua a que vos condenam as medidas de segurança».

(da Saudação aos presos políticos)

«Daqui da tribuna do nosso VI.º Congresso, onde a vossa presença foi sentida, o nosso Partido exalta os exemplos de coragem e dignidade de que é feito o vosso dia a dia».

(da Saudação aos comunistas presos)

«O Congresso saúda todos os partidos comunistas e operários e reafirma-lhes a inabalável determinação do Partido Comunista Português de continuar lutando pela unidade do movimento comunista internacional».

(da Resolução sobre a situação do movimento comunista internacional)